

Apresentação: *Help! I'm locked inside this picture.*

Sónia Vespeira de Almeida
FCSH-UNL/ CRIA
sonia.almeida@fcs.unl.pt

Sónia Ferreira
FCSH-UNL/ CRIA
sonia.ferreira@fcs.unl.pt

Numa obra da artista norte-americana Barbara Kruger, podemos ler: “Help! I’m locked inside this picture”. Datado de 1985, este trabalho constitui uma excelente interpelação sobre a centralidade do visual no mundo contemporâneo, centralidade esta que W.J.T. Mitchell tão bem assinalou em *Picture Theory* (1994) e que designou por “pictorial turn” da cultura contemporânea. Convocando o caso de excepção descrito por José Saramago no *Ensaio sobre a Cegueira*, Mitchell afirma: “To live in any culture whatsoever is to live in a visual culture, except perhaps for those rare instances of societies of the blind, which for that very reason deserve special attention in any theory of visual culture” (Mitchell, 2002: 174).

O objectivo inicial do presente número temático da *Arquivos da Memória*, subordinado ao tema “Antropologia, Arte e Imagem”, centrou-se justamente na criação de um espaço de reflexão sobre a visualidade¹ que interrogasse e desafiasse fronteiras e campos disciplinares diversificados, procurando perceber como as diferentes áreas de estudo problematizam as práticas de ver o mundo. Seguindo N. Mirzoeff: “Visual culture does not depend on pictures but on this modern tendency to picture or visualize existence” (2002 [1998]:6).

Este número mostra-nos que a problematização do visual é tanto mais fértil quanto interdisciplinar for o seu olhar (característica que também tem pautado a *Arquivos da Memória* ao longo dos seus 13 anos de publicação). Cruzando disciplinas diversas – cinema, cinema documental, estudos curatoriais, fotografia – este número revela igualmente uma antropologia atenta à visualidade, seja esta entendida enquanto objecto e/ou ferramenta metodológica.

¹ Sobre este assunto ver contribuições reunidas em Machado, Carvalho & Gusmão (2008).

Neste sentido, apesar de contemplar o trabalho de antropólogos e investigadores com trabalho largamente consolidado, “Antropologia, Arte e Imagem” publica igualmente contribuições de jovens investigadores, dando continuidade a um posicionamento que sempre tem acompanhado a revista: dar voz às novas gerações, perceber o que estão a fazer, diagnosticando a renovação disciplinar.

“**Curating contemporary art and the critique to lusophonie**” é o artigo que abre este número e que pontua o nosso objectivo em debater questões relacionadas com o “mundo das artes” (Becker, 1982). Inês Costa Dias, partindo da análise detalhada de três exposições de natureza institucional apresentadas em espaços geográficos distintos (Lisboa, Maputo, Luanda, São Salvador da Bahia, Rio de Janeiro, Brasília e Cidade da Praia) problematiza o interesse da arte contemporânea e do discurso curatorial português pelo pós-colonialismo nacional. A autora interessa-se pelos processos através dos quais a lusofonia, as ideias de nação, história, identidade e cultura são trabalhadas na arte e curadoria contemporâneas permitindo pensar a relação entre arte e poder e os fluxos entre o local e o global.

Ricardo Campos, no artigo “**A imagem é uma arma: a propósito de *riscos* e *rabiscos* no Bairro Alto**”, aborda a temática das linguagens visuais ilegais, nomeadamente o graffiti e a *street art*, tomando como espaço de referência o Bairro Alto, em Lisboa. O autor pretende reflectir sobre a ocupação deste espaço urbano por diferentes agentes que neste accionam “exercícios estéticos e políticos, recursos expressivos” visíveis numa “cidade em constante negociação”. O investigador elabora assim uma reflexão interessante e pertinente sobre a questão da “visualidade” e de como esta se negocia, disputa, institucionaliza e insere em determinados campos de poder, podendo, como no caso analisado, constituir uma estetização que “irrompe do quotidiano”, assumindo-se como contra-hegemónica e polémica.

O artigo que se segue posiciona-nos perante os “usos” políticos da fotografia no colonialismo e pós-colonialismo. Carlos Barradas em “**Poder ver, poder saber. A fotografia nos meandros do colonialismo e pós-colonialismo**” explora como a fotografia, na esteira de Susan Sontag, é uma interpretação do real e um instrumento de poder. O autor interroga qual o “poder simbólico” que a fotografia assumiu no passado e arroga no presente”.

De esterótipos, de relações de poder fala-nos Elisa Alves. No artigo **“Representações indígenas na telenovela mexicana: uma abordagem desde a análise do discurso e da semiótica da cultura”** a autora interroga os discursos racistas nos média mexicanos a partir da telenovela *Maria Isabel*, centrada numa personagem índia. Elisa Alves analisa com detalhe os diferentes protagonistas e o argumento da telenovela identificando os esterótipos que essencializam a cultura indígena.

Turismo e representações do “Terceiro Mundo” constituem os grandes eixos temáticos do artigo **“Imaginando Kolkata: O Turismo internacional e as Representações de Terceiro Mundo em Photovoice”**. Sandra Marques confronta-nos com os discursos sobre o *Terceiro Mundo* produzidos por turistas na cidade de Kolkata, na Índia, recorrendo a uma metodologia inovadora no contexto académico português. No decorrer do seu trabalho de campo a investigadora forneceu câmaras fotográficas aos turistas e “anfitriões convertendo-os em documentadores e intervenientes activos na reflexão das imagens captadas”. O cruzamento entre o discurso verbal e o visual é empiricamente fértil. Tal como sublinhou Susan Sontag em *On Photography* (1977), fotografar é uma apropriação do fotografado e significa estabelecer uma relação de conhecimento com o mundo (2006 [1977]: 16).

O artigo que se segue, de Christine Escallier, intitulado **“La construction du regard en anthropologie de l'éducation: une ethno-pédagogie de l'image”**, centra-se igualmente na questão da “visualidade” mas de um ponto de vista essencialmente pedagógico. A autora discute a importância que a educação do olhar deve assumir nas sociedades contemporâneas, marcadas em seu entender pela superabundância de imagens, e o papel que o método etnográfico pode e deve assumir neste processo. Baseando-se na sua própria experiência enquanto docente, Escallier defende que uma formação adequada do olhar, uma “alfabetização visual”, estimula o imaginário e a criatividade assim como estrutura a reflexão.

Nos dois artigos subsequentes, de José Filipe Costa e de Nadejda Tilhou, intitulados respectivamente **“Quando o cinema faz acontecer: o caso Torre Bela”** e **“Une ouvrière à la tribune: mémoire des images et anthropologie de la mémoire”**, discute-se, a partir do cinema e da antropologia visual, os movimentos sociais empreendidos no processo de transição para a democracia em Portugal. O primeiro artigo tem como mote a análise do filme *Torre Bela*, de Thomas Harlan, que constitui um

dos marcos mais significativos e polémicos do cinema produzido no período em questão. José Filipe Costa propõe “requestionar esse seu estatuto especial e compreendê-lo à luz das suas condições de produção muito particulares” interrogando o lugar de *Torre Bela* na história do cinema, apresentando uma reflexão sobre as práticas e metodologias inerentes à sua construção.

Nadejda Tilhou, ao partir da construção de um olhar cinematográfico pessoal sobre um grupo de operárias e suas respectivas memórias da ocupação de uma fábrica durante a conjuntura revolucionária iniciada no dia 25 de Abril de 1974, discute e interpela questões essenciais a uma antropologia que trata o passado, a história e a memória. Estas questões exprimem-se na relação que a documentarista/antropóloga estabelece com as imagens de arquivo, com a construção retrospectiva do passado, com as hierarquias e subjectividades inerentes ao processo de construção da história e da memória assim como com a noção de legitimidade associada à definição, rememoração e escarpelização de um “acontecimento” nas suas diferentes escalas e formas de apropriação.

No seguimento dos artigos apresentados, introduzimos uma secção intitulada *Ensaio*, onde se apresentam dois registos. Um primeiro, de Fabienne Wateau, intitulado «*Ils sont fous ces Portugais!*» *À propos d’insolite et de comparatisme* e um segundo, de componente essencialmente visual, de Fernando de Tacca, intitulado *Pañuelos* que foi galarodado com o Prémio Pierre Verger de Ensaio Fotográfico 2006, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

O primeiro destes registos consiste num ensaio concebido para integrar um número nunca concretizado desta mesma publicação, dedicado aos olhares estrangeiros sobre Portugal, que, pela sua qualidade e arrojo, considerámos pertinente introduzir na presente edição. Para além das razões evocadas, o próprio texto, ao tomar como exemplo empírico um programa televisivo do canal franco/alemão ARTE, levanta questões que se integram totalmente nas discussões apresentadas no âmbito deste número temático. A questão da imagem, da representação, do estereótipo e da construção da identidade nacional constituem questões centrais tanto no âmbito da antropologia como da arte e da imagem em geral.

O ensaio fotográfico de Fernando de Tacca, que com agrado acolhemos, constitui uma poderosa ferramenta de reflexão estética mas igualmente histórica e social sobre um tema que, ainda actual, marcou a vida e a história de muitas famílias argentinas. Por outro lado, o seu conteúdo

tem uma componente profundamente universal, já que povoou o imaginário político e alimentou o posicionamento ideológico de indivíduos e grupos que incorporaram referências estéticas e políticas associadas ao contexto das ditaduras iberoamericanas e aos seus respectivos movimentos oposicionistas.

A encerrar este número, e antes das resenhas, recuperamos uma das secções da *Arquivos da Memória* reproduzindo uma entrevista realizada a Catarina Mourão em torno de *Fora de Água*². Realizado em 1997, este documentário aborda um projecto de arte pública – “Além da Água” – realizado no distrito de Beja, interrogando a relação estabelecida entre os artistas plásticos, as obras de arte e as populações locais.

Esperamos que o presente número da *Arquivos da Memória* reserve aos leitores um espaço de liberdade imagética.

Bibliografia

- BECKER, Howard, 1982, *Art Worlds*, Berkeley, Los Angeles, California, University of California Press
- MITCHELL, W.J.T (1994), *Picture Theory*, Chicago, Londres, The University of Chicago Press.
- 2002, “Showing seeing: a critique of visual culture”, *Journal of Visual Culture*, London, Thousand Oaks, CA, New Delhi, Sage Publications, 165:181
- MIRZOEFF, N. (eds.), (2002 [1998]), *The Visual Culture, Reader*, London, New York, Routledge.
- PAIS, José Machado; CARVALHO, Clara; GUSMÃO, Neusa Mendes (orgs.) (2008), *O Visual e o Quotidiano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- SONTAG, Susan, 2006 [1977], *Sobre la Fotografia*, México, Alfaguara

² Para complementar a entrevista pretendemos exibir este documentário (data a anunciar) seguido de um debate com a realizadora, artistas plásticos e responsáveis por alguns projectos de arte pública em Portugal.